

## CASCUDO E O MAR: DIÁLOGO SOBRE O PROGRESSO

Regina Lúcia de Medeiros (UFRN)  
medeiros.rl@hotmail.com

### Introdução

*Prelúdio e fuga do real*, cuja publicação data de 1974, é uma obra complexa que reúne em si traços recorrentes na produção cascudiana. Nela, Luís da Câmara Cascudo propõe debates imaginários sobre vários aspectos da vida social do século XX. Espécie de diário de leituras, ou ainda, de autobiografia intelectual, essa obra é fruto da maturidade de um escritor já reconhecido e prestigiado, nessa época, em âmbito nacional e internacional.

Composto de 35 capítulos, esse livro apresenta diálogos entre um narrador-personagem, espécie de *alter ego* de Cascudo, que atende ao vocativo de “professor”, e artistas, poetas, filósofos, escritores, personagens de ficção, figuras religiosas e míticas, assim como personalidades políticas. Os diálogos são numerados e contêm, em seu título, o nome do interlocutor, seguido, muitas vezes, de um subtítulo que lembra o estilo do ensaio à Montaigne – “Epicuro. Do prazer sem os sentidos”, por exemplo. Nesses breves relatos de encontros, os personagens procuram o “professor” em sua casa ou conversam com ele em diferentes locais públicos, defendendo seus pontos de vista sobre a sociedade do século XX e comentando os traços do comportamento humano a partir de suas modificações proporcionadas pelas mudanças dos tempos.

Nessas conversas imaginárias, duas imagens fortemente conhecidas de Cascudo ganham relevo: a do professor erudito, leitor insaciável dos grandes clássicos, e a do etnógrafo das ruas, ensaísta observador dos acontecimentos cotidianos. Complementares, esses dois posicionamentos do intelectual norte-rio-grandense se materializam no narrador-personagem do *Prelúdio*. De um lado, vinculados à imagem do erudito, encontramos, nas falas do narrador, o interesse pela Antiguidade Clássica, as referências canônicas, as citações de autores europeus e o interesse pelos livros. Por outro lado, relacionados ao ensaísta natalense, percebemos a presença de registros autobiográficos, o interesse pela observação etnográfica e seu posicionamento crítico diante da realidade.

No tocante aos espaços, os encontros imaginados ocorrem em lugares distintos: ora são visitas que Cascudo recebe em sua biblioteca, ora são conversas em aeroportos, em *halls* de hotéis (no Brasil e em outros países) ou em meio a viagens (de trem, de navio, de automóvel). Pouco caracterizados, esses espaços não se revelam, numa primeira leitura, importantes para os debates travados. Ressaltando a indeterminação, a pluralidade e a impessoalidade dos espaços onde ocorrem os diálogos cascudianos, Neves (2004, p.12) caracteriza o espaço do *Prelúdio* como *não-lugar*<sup>1</sup>. No entanto, consideramos que, para além desses espaços físicos, destaca-se ainda o espaço da imensidão íntima, o espaço poético que se inscreve sob o signo do devaneio, atividade própria e definidora do sonhador que se transporta voluntariamente para fora do mundo.

Segundo Bachelard (1978, p.190), o devaneio expande as imagens representativas da imensidão. Por meio da imaginação, o devaneador “foge do objeto próximo e imediatamente está longe, além, no espaço do *além*”. Sobre a imensidão,

---

<sup>1</sup> A autora parte do conceito que Marc Augé (1994) formulou, ao estudar os lugares impessoais, feitos para servirem de passagem, que caracterizam as metrópoles contemporâneas.

vinculada, em princípio, às imagens representativas do mar e da planície, afirma o filósofo:

A imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna na solidão. Quando estamos imóveis, estamos algures; sonhamos num mundo imenso. A imensidão é o movimento do homem imóvel. A imensidão é uma das características dinâmicas do devaneio tranqüilo (BACHELARD, 1978, p.190).

Fundamentando nossa leitura do *Prelúdio e fuga do real* na leitura bachelardiana das imagens poéticas, percebemos que a caracterização da imensidão íntima como expansão do ser solitário que se entrega ao devaneio, em resposta ao mundo observado, é condizente com o estado de espírito que observamos no narrador cascudiano – solitário em meio a um espaço que lhe parece frio, mecanizado e indiferente. Vale ressaltar que esse narrador é indissociável do pensador maduro que se apresenta, em seu diário íntimo, como um “espectador do cotidiano”: “Não sou um participante, mas um espectador do cotidiano. Interesse-me, comovo-me, acompanho a movimentação com ansiedade e esperança de feliz desfecho. Mas estou na poltrona e não mais no palco”. (CASCUDO, 2010, p.18).

Seguindo essa proposta de leitura, apresentamos, nesta comunicação, uma análise do capítulo nono do *Prelúdio e fuga do real*, intitulado “Oannés. O Mar é o avô do Homem”. Nosso objetivo é analisar as imagens relacionadas ao espaço nesse diálogo, assim como a sua relação com os espaços criados nos demais capítulos da obra, com o intuito de compreender o posicionamento do narrador cascudiano no que diz respeito ao Progresso e às recentes configurações da paisagem natalense e, consequentemente, às tensões existentes entre a tradição e a modernidade. Para tanto, utilizamos a abordagem dialética, depreendida dos textos analíticos de Candido (2006). Move-nos, portanto, o desejo de conhecer a intimidade da obra analisada e averiguar a maneira pela qual os fatores sociais atuam na sua organização, de modo a constituir uma estrutura peculiar.

## **1 De costas para o século XX**

O diálogo que compõe o nono capítulo do *Prelúdio* inicia-se na Praia do Forte, na cidade do Natal. Nesse capítulo, Cascudo toma como interlocutor Oannés, a criatura mítica babilônica que possui corpo de peixe e cabeça e pés humanos.

Esse diálogo mostra, talvez, o maior apuro estilístico de todo o livro, assim como belas imagens autobiográficas criadas por Luís da Câmara Cascudo. Ambientado na Praia do Forte, onde se encontra a Fortaleza dos Reis Magos, marco inicial da cidade, o capítulo principia, num domingo de sol, com o olhar ensaístico que o narrador lança sobre a cidade. Esse olhar, previne o narrador, possui duas perspectivas: a espacial, de ângulo exterior, que focaliza as encostas pontilhadas de casas, e a temporal, de ângulo interior, fruto das suas lembranças meninas de 1910, quando a orla era fracamente povoada. Dessa maneira, é marcada, desde o início, uma oposição entre dois tempos: o passado, vinculado à natureza e à simplicidade, e o presente da narrativa, tempo das construções elegantes que, no entanto, descaracterizam a paisagem natural.

Passo a passo, avançando na areia e na escrita, Cascudo avista o Hospital das Clínicas, lembra os tratamentos a que ali se submeteu, contempla o mar azul e recorda

um alexandrino francês<sup>2</sup>. Deita-se na areia, observando a praia, e lamenta as modificações sofridas pela cidade:

Como tenho as costas voltadas para a praia rumorosa, não vejo o século XX, e sim o Mar imemorial, na legitimidade da forma nobre e pura, inalterada na eternidade poderosa. Pode ser que o Progresso modifique a coloração marítima, segundo as exigências turísticas, durante o Verão. Rubro pela manhã. Verde-garrafa ao meio-dia. Azul-cobalto à tarde. Ouro e cinza ao anoitecer. Imagino quanta zombaria aos pobres primários de agora, viciados à monotonia da turquesa inquieta, com espumas brancas, como Homero teria visto (CASCUDO, 2014, p. 77).

O ato simbólico de voltar as costas ao século XX e à cidade alterada pelo progresso, numa atitude romântica, protesta contra a desfiguração desenfreada da paisagem, consequência nefasta do crescimento econômico. A imagem ganha força na imaginação irônica do narrador, que antevê mudanças na coloração das águas do mar por sua adequação às exigências da atividade turística, como se fosse possível dobrar a natureza aos interesses do comércio. Resposta às modificações urbanísticas efetuadas na sua cidade natal e à exploração turística<sup>3</sup> de suas belezas naturais, esse trecho revela um Câmara Cascudo melancólico e obcecado por um passado imemorial, representado metaforicamente pela imagem do Mar.

É importante lembrar que a sua postura retoma a exaltação do poeta Ferreira Itajubá, presente no ensaio “Retiro Ferreira Itajubá”, publicado n’*A República*, em 1940. Nesse texto, Cascudo discorre sobre um pequeno recanto, um espaço discreto, nos arredores da Praia do Meio. Desse “retiro autêntico para os solitários amigos da beleza serena e justa” (CASCUDO, 2002a, p. 188), o escritor vislumbra elementos típicos da sua cidade Natal e recorda o poeta e sua poesia “sonora e rude”:

Ficou olhando, de costas para a cidade, o mar, os jangadeiros, as praias, os coqueiros oscilantes, as violas enfeitadas de fitas, os ventos largos que passam cantando nas areias e enxugam os grandes tresmalhos estendidos. [...] Naturalidade, nitidez, emoção, simplicidade. Todos os temas da poética de Ferreira Itajubá estão imóveis, fixados nesse recanto que Natal desconhece. (CASCUDO, 2002a, p. 188)

Desse modo, são recordados os versos singelos e românticos do poeta, revelando o desejo cascudiano de perpetuação dos elementos tradicionais. Associando a imagem do poeta à natureza, à melancolia e à simplicidade, o pesquisador propõe que esse espaço receba o nome de Recanto Ferreira Itajubá, a título de uma discreta homenagem àquele que, a seu ver, retratou, de modo afetuoso, cenas da cidade em suas estrofes.

No entanto, ainda que adote a atitude e o posicionamento outrora atribuídos ao poeta, não é a sua figura que é recordada no capítulo nono do *Prelúdio*. Nessa nova ambientação da Praia do Meio, o mar, ainda que povoado pelos icônicos jangadeiros, é

---

<sup>2</sup> « La mer sans fin commence où la terre finit », verso que integra o soneto *Soleil couchant*, de Heredia (1893, p.140).

<sup>3</sup> Até os anos 80, ainda não havia sido construído o que hoje conhecemos por Via Costeira, que dá acesso ao bairro e à praia de Ponta Negra. Desse modo, a Praia do Meio era um dos pontos turísticos mais importantes da cidade.

o mar épico e grego de Homero. A percepção de Câmara Cascudo, portanto, é outra. Agora, ele contempla o “Mar imemorial” – mítico e universal. Essa percepção poética é coerente com o diálogo onírico acerca da origem da vida no mar, que o narrador mantém com Oannés, criatura do Mar Vermelho cultuada pelos babilônicos por transmitir aos humanos os conhecimentos essenciais da civilização (cf. ANQUETIL, 1829, p. 167; COMTE, 1994, p.14). Essa evocação do passado e dos antigos perpassa a escrita do livro e repete-se exaustivamente em todos os seus capítulos.

Após a introdução narrativa, inicia-se o diálogo:

– Filosofando, professor?

Perto de mim, numa meia-enseada, prolonga-se a pedra ruiva, lavada pela onda musical. Vejo apenas água e rocha. A voz jovial e mansa insiste:

– Bem-vindo, professor. Criado à beira-mar, abandonou águas e terras...

Distingui um grande peixe, cinzento, barrigudo, imensos olhos imóveis, apontando-me a forte barbatana esverdeada.

– Peixe falando? Os surdos têm mais alucinações auditivas que o comum dos mortais...

– Sou eu mesmo que falo, professor. Sou **Oannés!** Não deu aulas sobre a minha história confusa, **Oannés, Oés, Ea**, o Deus ímpar da Caldeia, morador no Mar Vermelho, Mestre de Babilônia, origem, Pai, doutrinador dos Homens? (CASCUDO, **grifo do autor**, 2014, p.78)

A conversa segue com estrutura idêntica aos demais diálogos do *Prelúdio*. O narrador, que se assume autobiográfico, é identificado pela personagem que o visita como professor, com alusões às aulas que Cascudo ministrara em seus tempos de professor e aos livros presentes na sua biblioteca. A curiosa conversa entre esses dois interlocutores gira em torno daquele que podemos afirmar ser o cerne de todos esses diálogos cascudianos: o ser humano e o desenvolvimento da humanidade ao longo dos séculos. À medida que o leitor envereda pelos diálogos, define-se melhor a natureza dessa obra. Essas figuras, personalidades ou divindades, procuram o narrador cascudiano para lhe confidenciar críticas e sugestões referentes à sociedade do século XX. Tomados como arquétipos das distintas características do ser humano, essas figuras defendem suas “irradiações” e “influências” sobre o Homem. Atribuindo falas às personagens da sua predileção, Luís da Câmara Cascudo permite-se avaliar o ser humano a partir das mais variadas lentes.

No caso do seu diálogo com Oannés, o argumento do visitante é claro, e já se faz presente desde o título do capítulo – “O Mar é o avô do Homem”. Nas falas atribuídas ao deus babilônico, resgatamos as leituras da obra de Pierre Teilhard de Chardin, feitas por Câmara Cascudo, e localizamos a tese defendida no diálogo: “O Mar criou a Vida de que o Homem é resumo” (p.79).

No tocante à construção do pensamento cascudiano, é interessante observar que, neste capítulo, certamente por se tratar do mar, Luís da Câmara Cascudo retoma a imagem do peixe celacanto, figura presente em outros dos seus escritos:

O celacanto, vivo no Devoniano, na Era Primária, mais de 20 milhões de anos anterior aos monstros da Era Secundária, é nosso contemporâneo, ao redor de Madagascar, no Oceano Índico. Os gigantes terrestres, tiranossauro de 15 metros de altura, atlantossauro, de 40 metros de longo, brontossauro, pesando 40 toneladas, estegossauro, com três cérebros, desapareceram, 150 milhões de anos

antes dos primeiros Homens do Aurignacense. O celacanto, desprotegido, imprestável, pouco mais de metro e meio, indo aos cinquenta quilos, atravessou três milhões de anos. O professor sabe que no Devoniano não existiam vertebrados na Terra. Eram todos peixes. O nosso celacanto é o mais antigo dos parentes colaterais da Humanidade, um dos primeiros a tentar a escalada, respirando oxigênio gasoso, anunciando o **Homo sapiens**. Esse peixe de Madagascar é a madrugada de que o Homem seria o meio-dia. E vive n'água, como eu... (CASCUDO, **grifo do autor**, 2014, p.79-80)

A imagem do celacanto nesse diálogo surge como uma ratificação do pensamento cascudiano, pois a mesma idéia foi defendida no capítulo introdutório do *Prelúdio*. Em torno dela, Cascudo argumenta, adotando a lógica da idéia evolucionista: tal como o celacanto, que permanece vivo na contemporaneidade, os entes espirituais continuam presentes e atuantes na nossa vida. Essa referência ao celacanto, retomada no capítulo nono da obra, mostra-se de grande importância para a construção do seu pensamento, pois aparece como metáfora da persistência daquilo que, na identidade desses entes espirituais que visitam o narrador cascudiano, corresponde aos traços essencialmente humanos. Seguindo essa compreensão, *Prelúdio e fuga do real* parece constituir uma súpula das idéias de Cascudo, assim como a defesa de sua grande conclusão de “homem que viveu um século”: o ser humano não muda. A mesma metáfora, que confirma essa leitura, está presente no intróito, datado de 1972, da terceira parte de *Superstição no Brasil*, cujo título é “Religião no povo”:

Pelo lado de dentro, o Homem não muda. As alucinantes funções do século XX, o *Século Ofegante*, não determinaram novos órgãos de adaptação funcional. Verão que a Astronáutica não alterará a fisiologia dos seus pilotos. [...] Gustavo Freytag dizia que a alma do Povo não se civilizava. Vamos dizer que muda de trajes e de instrumentos de trabalho. Ante as provocações naturais, reagem como reagiam os antepassados; com a mesma contração fisionômica, os mesmos gestos, as mesmas interjeições. O Homem voltando da Lua agradece e aplaude como faziam em Babilônia. É a lição biológica. O celacanto, um crossopterígio que nada no canal de Moçambique, vive há trinta mil séculos, imutavelmente fiel à ecologia devoniana (CASCUDO, 2002b, p.339-340).

A conversa com Oannés continua, ressaltando a importância do mar na evolução das espécies e, como um delírio, encerra-se tão inesperadamente como tivera início. Sob o signo do devaneio, o narrador-personagem entrega-se à modorra praieira, e as palavras diluem-se no silêncio e na imagem litorânea:

O diálogo espaça-se em pausas sonolentas. Tenho a impressão de os dois imensos olhos parados e frios diluírem-se n'água móbil e verde. Há um silêncio que ondas e vento não interrompem.  
– Dormindo ao Sol, professor? (CASCUDO, 2014, p. 81)

## 2 A verticalização da cidade

Ao longo de todos os diálogos de *Prelúdio e fuga do real*, Cascudo parte das suas memórias de vida, assim como das suas memórias de leitor, para analisar as conquistas realizadas pela humanidade no século XX. Na sua leitura de mundo, as

modificações sofridas pela vida social, defendidas como progresso e avanços tecnológicos, são vistas como devedoras das modernidades anteriores, principalmente da cultura clássica greco-latina. Essas novas configurações sociais refletem-se nas formas urbanísticas e artísticas e são tomadas por excessos que terminam por exasperar o ser humano. Causador de angústias, o progresso surge nesses diálogos como força destruidora:

Está faltando a esse Progresso seco, maquinal, invejoso, angustiado, classificador anatômico, querendo compreender o Espírito com equações algébricas e gráficos financeiros, uma aragem embaladora mas decisiva, da Idealidade contra o Lucro, da Abstração pacificante contra a saciedade digestiva (CASCUDO, 2014, 139).

Ao olhar para seus contemporâneos, Cascudo considera negativos os avanços da Ciência. A um olhar alarmado e tradicionalista, as palavras de ordem que povoavam o contexto brasileiro em meados do século XX, como técnica, progresso, prática, parecem perturbadoras e angustiantes. Ao se debruçar sobre essa sociedade, Cascudo encontra o que ele denomina de “angústia contemporânea”. Sua visão é esclarecida no diálogo que mantém com Dom Quixote:

O motivo real desta visita é expor-lhe meu julgamento sobre a angústia contemporânea, insatisfação, ansiedade, amargura, insubmissão, melancolia dos tempos presentes. O senhor perguntará as credenciais autorizando minha intervenção sentenciosa. Sou um dos mais legítimos símbolos da integração literária n'alma humana (CASCUDO, 2014, p.136).

Atribuída ao célebre personagem espanhol, a fala justifica sua visita imaginária a Cascudo. Em suas palavras, é explicitado o olhar pessimista do escritor norte-rio-grandense sobre sua contemporaneidade. A voz do Engenhoso Fidalgo surge oportunamente como argumento de autoridade, traduzindo os valores associados ao idealismo em oposição à modernidade alienante e esmagadora. Percebemos que a figura de Dom Quixote aparece como símbolo da vitória da subjetividade sobre o tecnicismo. O arrebatamento utópico do cavaleiro, em vez de frisar o descompasso entre suas ações e a realidade, expressa, para Cascudo, um posicionamento radicalmente contrário ao avanço desumano do tecnicismo e da objetividade, transformando-o num representante de valores a serem cultivados.

Em *Prelúdio e fuga do real*, o complexo debate acerca da angústia contemporânea ocorre nos espaços onde se dão os encontros imaginários. Ao longo da obra, a construção do espaço na narrativa chama a atenção pelo fato de se resumir, na maior parte das vezes, em comentários breves acerca de espaços impessoais e modernizantes. Além disso, é constantemente citada, pelo narrador ou por seus interlocutores, a oposição entre esses espaços modernizantes e outros que evocam tempos passados, como podemos ver na fala de Píndaro, no capítulo “Píndaro. As lúdicas da asa alugada”:

Mesmo assim, professor, a ruína do Pártenon tem dimensões emocionais inoportáveis no **Empire State Building**. A visão da pequena Acrópole dissipa a imponência das cidades tentaculares. A razão é que a Velocidade, símbolo da Angústia, não gera a Beleza! (CASCUDO, 2014, p. 170, **grifo do autor**).

No entanto, fugindo à regra desses espaços cosmopolitas, destaca-se o capítulo que ora pretendemos analisar. No capítulo nono do *Prelúdio*, o espaço da Praia do Meio é escolhido para situar o diálogo “transcendental” entre Cascudo e Oannés. Essa escolha sugere a inserção de um elemento local numa discussão universalista. Em todo caso, observamos que as memórias cascudianas surgem no *Prelúdio* animadas pelas lembranças dos espaços, e não em função do tempo – o que ratifica a compreensão de Bachelard (1978). É válido atentar para o fato de ser nesse capítulo, situado num espaço biográfico e de afeto para Cascudo, que o diálogo ganha dimensão de devaneio poético.

É no diálogo com Oannés que Cascudo percebe a chegada do Progresso em sua própria cidade Natal:

As encostas, desde Petrópolis ao Farol de Mãe Luíza, ornadas de casas de todos os tamanhos da Vaidade e da Conformação. É o ângulo exterior. O interior é a minha lembrança, ainda em 1910, da vastidão deserta. Apenas casebres de palha em Areia Preta. Os morros solitários. A saliência da Praia do Meio dizia-se “Ponta dos Morcegos” porque eles enchiam as pequeninas cavernas cavadas pelas ondas ou rasgadas na erosão. Nada mais. Hoje é uma praia como todas as praias elegantes, com mais peixes n’areia que no Mar, dizia a cantiga de velho Carnaval. (CASCUDO, 2014, p. 77)

Neste trecho, tomamos consciência das transformações urbanas ocorridas na orla da cidade do Natal. Na imagem criada por Luís da Câmara Cascudo, visualizamos, no que ele chama de “ângulo exterior”, a cidade modernizada, com edificações de tamanhos variados. E, num “ângulo interior”, é evocada a cidade das lembranças cascudianas de 1910, nas quais despontam os singelos casebres de palha.

Segundo os escritos bachelardianos, a casa natal, aquela que habitamos durante a nossa infância, permanece inscrita em nosso corpo fenomenológico. E, numa relação fortemente dialética, o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo. Sendo assim, percebemos que a imagem evocada por Cascudo procura a essência da noção de casa gravada nele, de modo indelével, desde os tempos de sua meninice. Situado a contragosto num contexto sócio-histórico em que prevalece o elogio à modernização desenfreada, Cascudo sente falta de valores que não são materializados nessas novas configurações. A cidade do Natal, compreendida como seu espaço de proteção e de abrigo, é submetida a um processo de verticalização que causa espanto e horror ao seu narrador-protagonista, lembrando as palavras do filósofo sobre as casas das grandes cidades: “as casas não estão mais na natureza. As relações da moradia com o espaço se tornam fictícias. Tudo é máquina e a vida íntima foge por todos os lados” (BACHELARD, 1978, p. 215).

### **Considerações finais**

Nas páginas desta comunicação, procuramos analisar o posicionamento cascudiano em relação aos avanços tecnológicos da sua época. De acordo com as observações comentadas e a leitura realizada, percebemos que o ato de repúdio do escritor norte-rio-grandense no tocante à modernidade do século XX é perceptível, inclusive, na configuração dos espaços em que são situados os diálogos imaginários de *Prelúdio e fuga do real*.

Vimos, ainda, que a inserção do espaço da cidade do Natal na complexa rede de significações do *Prelúdio* sugere a inserção do elemento localista numa discussão de natureza universalista. Como sugere a imagem comentada nesta comunicação, Cascudo

dá as costas ao século XX, numa atitude de recusa deliberada, assim como abre seus braços, num devaneio, em direção ao “Mar imemorial”, colocando em diálogo e em pé de igualdade, as modernizações vivenciadas na sua província, onde sempre fez questão de morar, e as modernizações cosmopolitas de grandes metrópoles do mundo ocidental.

Incentivador cultural, literato e historiador do cotidiano, Cascudo ensaia nas páginas do *Prelúdio* uma escrita literária, que, parafraseando Bachelard (1978, p.201), ao evocar as lembranças da sua casa natal, acrescenta valor de sonho à evocação. E, não sendo somente um historiador, mas um pouco poeta, traduz, quem sabe, a poesia perdida na passagem do tempo.

## Referências

ANQUETIL, L.-P. Babilônios. In: *Compendio de la historia universal ó pintura histórica de todas las naciones, su origen, vicisitudes y progresos hasta nuestros días – tomo I*. Trad. Francisco Vazquez. 2 ed. cor. aum. Madrid: Fuentenebro, 1829. p. 163-174. Disponível em: <[https://play.google.com/store/books/details?id=7\\_71XiZTzrwC](https://play.google.com/store/books/details?id=7_71XiZTzrwC)>. Acesso: 30 nov. 2011.

AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Trad. Lúcia Mucznik. Lisboa: Bertrand Editora, 1994.

BACHELARD, G. A poética do espaço. In: *Bachelard – seleção de textos de José Américo Motta Pessanha*. Trad. Joaquim José Moura Ramos (et al.). — São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

CASCUDO, L. da C. *O livro das velhas figuras, vol. VII: pesquisas e lembranças na História do Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Superstição no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Global, 2002b.

\_\_\_\_\_. *Na ronda do tempo*. 3 ed. Natal: EDUFRN, 2010a. (Coleção Câmara Cascudo: memória)

\_\_\_\_\_. *Prelúdio e fuga do real*. 2 ed. São Paulo; Natal: Global Editora; EDUFRN, 2014.

COMTE, F. *Os heróis míticos e o homem de hoje*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1994.

HEREDIA, J.-M. de. Soleil couchant. In: *Les trophées*. Paris: Alphonse Lemerre, 1893. p.140. Disponível em: <[gallica.bnf.fr](http://gallica.bnf.fr)>. Acesso: 16 jan. 2013.

NEVES, M. de S. Literatura. Prelúdio e fuga do real. *Tempo – Revista do Departamento de História da UFF*, Fortaleza, v.9, n. 17, p. 79-104, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/cascudo/icascudoroteiros.htm>>. Acesso em: 20 out. 2009.